



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Tecendo memórias: trajetórias da professora Edésia Corrêa Rabello

Weaving memories: trajectories of professor Edésia Corrêa Rabello

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1784

ARK: 57118/JRG.v8i18.1784

Recebido: 22/12/2024 | Aceito: 02/01/2025 | Publicado *on-line*: 03/01/2025

Luan Manoel Thomé¹

<https://orcid.org/0000-0001-5101-0944>

<http://lattes.cnpq.br/4304175488431033>

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, MG, Brasil

E-mail: luanmthome@gmail.com



Resumo

Introdução: Atualmente, os estudos desenvolvidos no âmbito da História da Educação dialogam com a História Cultural. Nesse enfoque, a trajetória de docentes tem sido investigada, com o intuito de visibilizar a atuação dos sujeitos-escolares. **Objetivo:** O presente artigo pretende investigar as trajetórias pessoal e profissional da professora mineira Edésia Corrêa Rabello. **Metodologia:** Para a produção dos dados, adotou-se a pesquisa bibliográfica, com o intuito de conhecer as produções acadêmicas que discorrem sobre a professora em tela. Nesse rol, destacam-se os estudos de Costa (2008), Pinto (2015), Souza (2001) e Thomé (2017). Na sequência, realizou-se a pesquisa documental, na imprensa diamantinense; no acervo do Grupo Escolar de Diamantina (livros de Promoção e Folhas de Pagamento); nos materiais de autoria investigada, os artigos publicados na Revista do Ensino e o livro memorialístico, “Lá em casa era assim” (1964). **Resultados:** Os dados revelam que a professora Edésia formou na Escola Normal de Diamantina e sua atuação iniciou-se no Grupo Escolar da cidade. Na formação de professores, atuou na Escola Normal Américo Lopes e anos depois, assumiu a cadeira de história na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. **Conclusão:** Sua concepção pedagógica apresenta traços do movimento escolanovista, o que se pode perceber nos artigos publicados na Revista do Ensino. Por quase três décadas, a professora Edésia atuou na formação intelectual dos mineiros.

Palavras-chave: Edésia Corrêa Rabello. Professora. Diamantina-MG. Grupo Escolar de Diamantina. Escola Normal.

¹ Doutorando e Mestre em Educação. Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais/ Unidade Acadêmica de Cláudio, na área de Didática e Avaliação da Aprendizagem, atualmente é coordenador do colegiado do curso de Pedagogia. Professor colaborador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID/UEMG. Tem experiência como professor e especialista em educação básica.

Abstract

Introduction: Currently, studies developed in the field of History of Education dialogue with Cultural History. In this approach, the trajectory of teachers has been investigated, with the aim of making the performance of school subjects visible. Objective: This article aims to investigate the personal and professional trajectories of the teacher from Minas Gerais, Edésia Corrêa Rabello. Methodology: For the production of data, bibliographic research was adopted, with the aim of knowing the academic productions that discuss the teacher in question. In this list, the studies of Costa (2008), Pinto (2015), Souza (2001) and Thomé (2017) stand out. Next, documentary research was carried out, in the Diamantina press; in the collection of the Diamantina School Group (Promotion and Payroll books); in the materials of the investigated authorship, the articles published in the Revista do Ensino and the memorialistic book, "Lá em casa era assim" (Like this at home) (1964). Results: The data reveal that Professor Edésia graduated from the Escola Normal de Diamantina and began her career at the city's School Group. In teacher training, she worked at the Escola Normal Américo Lopes and years later, she took on the role of History teacher at the Escola Normal Modelo de Belo Horizonte. Conclusion: Her pedagogical conception presents traits of the Escola Nova movement, which can be seen in the articles published in the Revista do Ensino. For almost three decades, Professor Edésia worked in the intellectual training of the people of Minas Gerais.

Keywords: Edésia Corrêa Rabello. Teacher. Diamantina-MG. Diamantina School Group. Normal School.

1. Introdução

Pesquisas que têm como enfoque metodológico o entrelaçamento da História Cultural com a História da Educação possibilitam um novo olhar sobre os sujeitos-escolares, principalmente daqueles que permaneceram na invisibilidade no transcorrer do tempo. Nesse artigo, pretende-se seguir esse caminho ao trazer dados da atuação da professora Edésia Corrêa Rabello, que colaborou significativamente na escolarização dos(as) mineiros(as) por quase três décadas.

Natural de Diamantina-MG, a professora Edésia atuou na formação das crianças e de professoras primárias. Devido a sua relevância para a história da educação, esse estudo foi desenvolvido a partir de uma pesquisa documental, composta pela imprensa diamantinense; materiais produzidos no âmbito do Grupo Escolar de Diamantina (GED); publicações de sua autoria, os artigos publicados na Revista do Ensino e, principalmente, o livro memorialístico "La em casa era assim..." (1964). Esse material forneceu dados relevantes sobre seu percurso pessoal e profissional da professora.

Esse texto está dividido da seguinte forma: será inicialmente apresentada a metodologia que amparou esse estudo, na sequência, discute-se sobre a trajetória pessoal e de formação da professora Edésia, por fim, são detalhados aspectos de sua atuação profissional.

2. Metodologia

Inicialmente, para a produção dos dados, realizou-se a pesquisa bibliográfica, visando identificar produções acadêmicas que têm como objeto a vida e/ou atuação da professora Edésia Corrêa Rabello. Nas pesquisas identificadas, destacam-se um trabalho de conclusão de curso (TCC), três dissertações e uma tese. Em seu TCC, Bressolin (2015) investigou as características de Diamantina-MG apresentadas nas

produções bibliográficas de seus conterrâneos, sendo que o livro da professora Edésia compõe parte do acervo analisado.

Das investigações, ressalta-se um número considerável de pesquisas desenvolvidas no mestrado. Souza (2001) fez uma releitura das reformas educacionais a partir da Revista do Ensino, cuja autora utilizou os artigos publicados pela professora Edésia no impresso, como fonte histórica. Partindo também dessas produções, Costa (2008) analisou o saber acadêmico e escolar acerca do ensino de história do Brasil na primeira metade do século XX.

No estudo de Thomé (2017), o livro *Lá em casa era assim* forneceu importantes dados sobre as trajetórias pessoais e profissionais das professoras do Grupo Escolar de Diamantina (1907-1909), instituição que Edésia lecionou no início do século XX. Por fim, Pinto (2015), em sua pesquisa de doutorado, buscou compreender os processos educativos nas práticas sociais da mocidade de Diamantina-MG, no final do século XIX. O pesquisador balizou-se, também, no livro de memórias escrito pela professora Edésia.

Na sequência do procedimento metodológico, realizou-se a coleta, catalogação e análise das fontes históricas identificadas. O *corpus* documental² foi composto pelos seguintes itens: o livro *Lá em casa era assim*³ de Edésia Corrêa Rabello, foi fundamental para a escrita de sua trajetória; os documentos produzidos no âmbito do Grupo Escolar de Diamantina⁴, os livros de Folhas de Pagamento e de Promoção; os artigos publicados por ela na Revista do Ensino, e alguns exemplares dos jornais *O Norte*, *O Município* e o *Minas Geraes* (veículo da imprensa oficial).

3. Trajetórias pessoal e de formação

Carinhosamente chamada de “Dedésia”, Edésia Corrêa Rabello pertenceu a uma família influente em Diamantina, Minas Gerais. Nasceu em 12 de outubro de 1879, filha de Francisco Corrêa Ferreira Rabello e de Gabriela da Mata Machado, a oitava de uma prole de catorze filhos⁵. Ela nasceu com uma tosse aguda, o que a fez ser batizada às pressas: devido à correria do momento, seu nome não fora registrado pelo padre Augusto no Livro de Batistério, isso lhe gerou alguns infortúnios, como veremos mais adiante (Mourão, 1980; Rabello, 1962).

Nesse contexto histórico, a Igreja Católica Apostólica Romana referendou diversos episódios da vida social dos brasileiros, como nascimento, casamento e morte. Além disso, algumas igrejas dispunham de cemitérios, destinados a atender os membros das irmandades. No final do século XIX, Diamantina-MG dispunha das irmandades de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora das Mercês e de São Francisco de Assis.

Conforme Souza (2010), Francisco Corrêa Ferreira Rabello (pai de Edésia) graduou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1867. Após finalizar os estudos, retornou à cidade de Serro-MG, onde advogou por um período, depois foi

² Nesse artigo, optou-se em manter a grafia original dos documentos.

³ Edésia Corrêa Rabello tinha oitenta anos quando escreveu o livro “Lá em casa era assim” (Machado Filho, 1964).

⁴ A professora Edésia lecionou no Grupo Escolar de Diamantina no período de 1907 a 1925, atualmente a instituição denomina-se Escola Estadual Matta Machado.

⁵ Seus irmãos foram Maria Lúcia Rabello Jardim, Gabriel Corrêa Rabello, Ester Corrêa Ramalho, Francisco Corrêa Rabello (1º), Hilda Rabelo da Mata, José Corrêa Rabello, Clélia Rabelo Jardim, Nícia Rabelo Mourão, Francisco Corrêa Rabelo (2º), Aristίδes Corrêa Rabello, Francisco Corrêa Rabelo (3º), Praxília Corrêa Rabello e Plotino Corrêa Rabello. Cinco dos seus irmãos faleceram ainda crianças: Francisco (1º e 2º), Praxília e o Plotino (Mourão, 1980).

nomeado Promotor de Justiça. Ferreira Rabello, adepto ao Partido Liberal Mineiro, foi deputado provincial com o mandato de 1868 e 1869. Em 1871, casou-se com Gabriela Antônia da Mata, depois retornou à Diamantina-MG e atuou no Externato da cidade na cadeira de filosofia e retórica. De 1878 a 1880, assumiu o mandato de deputado geral, depois retornou às suas funções docentes.

Na Câmara dos Deputados, Francisco dedicou-se na luta pela abolição da escravidão (Mourão, 1980). Em 15 de setembro de 1890, foi eleito deputado por Minas ao Congresso Nacional Constituinte e colaborou no delineamento da Constituição de 1891, meses depois passou a exercer o mandato ordinário na Câmara dos Deputados (Souza, 2010). No entanto, Francisco não chegou a concluir o mandato, pois faleceu em 21 de junho de 1892, em Sabará-MG.

Após a morte do pai, Edésia relatou que se instalou um momento de muitas dificuldades em sua família: por um lado, a depressão sofrida por Ester, sua irmã, e, por outro, uma ferrenha dificuldade financeira em manter o pagamento das despesas. “A posição social de uma família é o seu centro de gravidade e, para mantê-lo são necessários, às vezes, sacrifícios inauditos” (Rabello, 1964, p. 128).

No final do século XIX e início do XX, a família Corrêa Rabello ocupava um lugar de prestígio na sociedade diamantinense nas áreas política, econômica e educacional. Seus tios paternos, Sebastião Corrêa Rabello lecionou no Externato e na Escola Normal de Diamantina, a partir da reforma João Pinheiro, assumiu o cargo de inspetor escolar técnico; Mariana Corrêa de Oliveira Mourão, carinhosamente chamada Nininha, era esposa de Olímpio Júlio de Oliveira Mourão (senador Mourão), possuía uma escola isolada de primeiras letras destinada à formação de meninos, que em 1907 foi removida para o Grupo Escolar de Diamantina.

Mediante uma licença concedida pelo governo, Edésia e suas irmãs Hilda e Clélia (Naná) foram autorizadas a estudar na instituição regida por sua tia paterna Mariana.

Nininha (Marianinha), nossa tia paterna, era professora pública, do sexo masculino. Suas filhas Mercedes, Olinta e Cecília estudavam na sua escola. Por uma licença especial, consentiu que Hilda, Naná e eu também estudássemos lá.

A escola funcionava em uma sala da sua casa, com entrada independente. Tinha três portas e três janelas pequenas. Era muito mal iluminada. Seu mobiliário eram carteiras de madeiras, que comportavam três alunos (todas manchadas de tinta). Os alunos sujos, descalços, lotavam a escola.

Entramos. Senti o cheiro característico de um ambiente onde há muito menino (Rabello, 1964, p. 32).

Conforme Rabello (1964), na escola da professora Mariana, o atendimento era multisseriado, entretanto não possuía programa de ensino e tampouco distribuição de horário. Esse modelo escolar vigorou durante o período imperial e estendeu-se para a República, sobretudo nos locais mais afastados dos centros urbanos. Apesar de um contexto social caracterizado por uma grande exigência ao professorado, “[...] minha Tia Nininha, muito inteligente, conseguiu bons resultados na sua escola” (Rabello, 1964, p. 33).

Em sua obra, Edésia lembrou que o início de sua alfabetização se deu com a professora Mariana:

Nininha me deu um livro, que trazia na primeira página, a estampa de um gatinho, sentado diante de um livro aberto, e me ensinou:

-Mimi.

-Mimi estava sentado diante de um livro aberto, parecia querer ler...

-Mimi era um gatinho (Rabello, 1964, p. 33).

Devido à precariedade das escolas, no período Imperial, “o ensino dependia muito mais do empenho do professor e alunos para subsistir” (Mortatti, 2019, p. 33). Na segunda metade do século XIX, amparados em algum método, os professores começaram a dispor de impressos para o ensino da leitura, conforme podemos verificar na situação anteriormente descrita.

Na sequência, Edésia e suas irmãs (Hilda, Clélia e Nícia) ingressaram no Colégio Nossa Senhora das Dôres, dirigido pelas irmãs de caridade filhas de São Vicente de Paulo, instituição voltada para a educação feminina. Conforme Rabello (1964), o colégio possuía uma exímia organização: salas arejadas, carteiras sem manchas de tinta e enfileiradas e um altar dedicado à Nossa Senhora.

“Pelas varas que ela fornecia, é que o asseio, a obediência e a disciplina eram mantidas nas Externas” (Rabello, 1964, p. 54). As freiras subsidiaram sua prática, por meio do método tradicional, para Saviani (2018), caracterizado pela centralidade no professor. À época, por Edésia não estar alfabetizada, foi enturmada com alunas consideradas atrasadas,

foi um fracasso para mim. Aquilo de ler a palavra de trás para diante, de ficar sapateando nas sílabas, não foi comigo. Por isso eu acho que fui uma das meninas que mais custou a aprender a ler. Escutem como se lia a palavra gameleira: g-a= ga, m-e= me, game; l-e-i= lei, gamelei; r-a= ra, gameleira. (Rabello, 1964, p. 55).

Para a professora Edésia, o método utilizado pelas freiras não atingiu o objetivo esperado. Pelo excerto, verificamos o uso do método alfabético, amplamente usado no ensino tradicional. Nele, primeiro o estudante aprende as letras, depois forma as sílabas e, por conseguinte, as palavras – por isso esse método é classificado como sintético por Mortatti (2019) –.

Em 1895, Edésia ingressou na Escola Normal de Diamantina, instituição destinada à formação de professores no norte de Minas Gerais. Um dos documentos exigidos para a matrícula era o batistério, entretanto, ela não o possuía. Mesmo com a Proclamação da República, Diamantina-MG, por sediar o bispado, ainda mantinha fortes vínculos com a religião Católica Apostólica Romana.

O jornal *O Município*, destinado a publicizar os atos do governo municipal, continha uma seção voltada para a educação, nele encontram-se informações relevantes sobre a trajetória formativa de Edésia. Em 1896, nos resultados dos exames publicados, ela atingiu as seguintes classificações: aprovada plenamente – Lições das coisas, Economia Doméstica, Geografia, Calistheria, Música e Canto e Aritmética; aprovada com distinção – Chorographia; aprovada – Trabalhos de Agulha e Corte de Roupas Brancas e Caligrafia e Desenho (*O Município*, 23/01/1897, p. 02). No terceiro ano, ela submeteu-se ao exame de segunda época em Geografia. Em 1900, graduou-se normalista (*O Município*, 09/06/1900).

4. Atuação profissional da professora Edésia Corrêa Rabello

“Como é difícil realizarmos nossos sonhos! (Rabello, 1964, p. 146).

Como a maioria dos recém-formados, a professora Edésia passou por um momento de insegurança, com o receio de não conseguir atuar no magistério. Pelo

trecho a seguir, a normalista evidenciou que o governo não tinha a perspectiva de fundar mais escolas primárias em Diamantina-MG.

Naná, eu e Nícia éramos normalistas, possuidoras de diplomas obtidos após acurados estudos. Onde aplicar nossa capacidade de trabalho? O Estado não cogitava de criar escolas. Os governos se sucediam, cultivando a ignorância por motivo de economia (Rabello, 1964, p. 144).

Infelizmente, as políticas educacionais estão sujeitas às dinâmicas impostas pela economia. No trecho acima, a professora Edésia manifestou estar convicta da educação, enquanto ferramenta do desenvolvimento de um povo, esse discurso esteve presente na sociedade brasileira, devido à ação direta dos republicanos⁶. Em 1906, sua história começou a alterar, a partir da promulgação da Reforma João Pinheiro⁷, que modificou a educação primária e normal do estado mineiro.

Para a professora Edésia, João Pinheiro tinha um diferencial dos demais presidentes, pois ele tinha ciência da instrução primária enquanto ferramenta para a cidadania. “Seu programa de governo foi modificar a instrução. O primeiro a criar os grupos escolares em todo o Estado. Fundou escolas normais” (Rabello, 1964, p. 146). No ano de 1907, Edésia e Nícia foram à capital mineira solicita-lo uma vaga de emprego no Grupo Escolar de Diamantina. Ao contrário da irmã, meses depois sua nomeação⁸ foi publicada:

O Presidente do Estado de Minas Geraes, de conformidade com o art. 58 do Reg. a que se refere o Dec. N. 1960, de 16 de Dezembro de 1906 resolve nomear D. Edesia Corrêa Rabello para o emprego de professora pública do grupo escolar da cidade de Diamantina. Palacio da Presidência do Estado de Minas Geraes, em Diamantina, 20 de setembro de 1907. João Pinheiro da Silva (O Norte, 27/09/1907, p. 02).

A República no Brasil trouxe como lema a busca pela modernidade e o combate ao legado deixado pelo Império. No entanto, a nomeação de Edésia indica que, mesmo diante da propaganda de um novo tempo, as práticas clientelistas ainda se faziam presentes na máquina pública. Em pesquisa realizada sobre o GED, Thomé (2017) identificou uma irmã e duas tias paternas de Edésia Corrêa Rabello como parte do corpo docente⁹ da instituição.

Conforme o Livro de Folha de Pagamento (1907) do GED, a professora Edésia teve um salário de 150\$00 (cento e cinquenta réis). Em seu primeiro ano de trabalho, atuou com o 4º ano feminino, com um total de 11 alunas. Em 1910, lecionou para o 1º ano misto. No Livro de Promoção (1907) encontra-se um elogio ao seu trabalho: “os alunos do 1º ano mixto atrasado, regidos pela professora D. Edésia Corrêa Rabello,

⁶ Encontramos essa discussão nas produções de Baduy e Ribeiro (2020), Faria Filho (2014), Gonçalves Neto e Carvalho (2012).

⁷ A reforma foi promulgada a partir dos seguintes dispositivos legais: a lei nº 439, de 29 de setembro de 1906 e os decretos nº 1947, de 30 de setembro de 1906, instituiu o Programa do Ensino Primário e Normal do Estado; o decreto nº 1960, de 16 de dezembro de 1906, instituiu o Regulamento do Ensino Primário e Normal do Estado (Minas Gerais, 1906).

⁸ A nomeação da professora Edésia Corrêa Rabello foi publicada no Jornal Minas Geraes, na edição do dia 06 de outubro de 1907.

⁹ O primeiro corpo docente do GED foi composto pelas professoras: Liseta de Oliveira Queiroga, Agostinha Sá Corrêa Rabello (tia paterna), Júlia Kubistchek, Mariana Corrêa de Oliveira Mourão (tia paterna), Hilda Rabello da Mata Machado (irmã), Edésia Corrêa Rabello e Custódia Brant (Thomé, 2017).

em nº de 44, mostraram algum adiantamento pelas notas de aula, devendo ser promovidos no semestre seguinte ao 1º ano adiantado” (p. 19).

Além de escolarizar à infância, a professora Edésia atuou na formação de professoras primárias, ao lecionar a matéria de Educação Física, na Escola Normal Regional Américo Lopes (Miranda, 1999). Fundada em 1913, pelo professor Leopoldo Miranda¹⁰, essa instituição funcionou por cinco anos e concedeu o título de normalista para duzentas pessoas (Soares; Vieira, 2013).

Por dezoito anos, a professora Edésia lecionou no GED. Com o falecimento de sua mãe, em 1925, mudou-se para Belo Horizonte, juntamente com o primo Moacir – seu filho de criação (Machado Filho, 1964; Rabello, 1964; Mourão, 1980). Já instalada na cidade, a professora Edésia preparou candidatos para os exames de admissão no Ginásio e nas Escolas Normais, conforme os anúncios publicados no Minas Geraes (17/03/1926; 27/03/1926; 30/03/1926).

Em 1929, a professora Edésia assumiu a cadeira de História Universal, na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, esse aspecto revela sua competência profissional no magistério. Conforme Machado Filho (1964, p. 06), a referida professora “[...] teve a sua hora, na reforma do ensino de 1929, que não deixou de aproveitar quase todos os valores do magistério mineiro”.

No campo intelectual, a professora Edésia publicou dois artigos na Revista do Ensino, ambos voltados para o ensino de História do Brasil. Na próxima seção desse texto, esse aspecto será discutido, haja vista o teor crítico que a autora apresenta em suas orientações didático-pedagógicas ao professorado mineiro.

5. As contribuições da professora Edésia Corrêa Rabello para o campo pedagógico

“Um estudo que ensina uma nação a formar-se, velando pela felicidade de seus filhos, por certo não merece ser tão menosprezado como é” (Rabello, 1929b, p. 14).

A Revista do Ensino exerceu relevante tarefa comunicativa no século XIX e XX aos educadores mineiros, ao divulgar as ideias do ensino, nas quais os professores públicos atuavam como colaboradores (Britto; Gomes, 2019). Nesse impresso, os textos eram divididos em duas seções: a primeira destinada ao professorado, cujos temas centravam-se no trabalho pedagógico e em propostas didáticas; a segunda destina à sociedade em geral, composta por dados estatísticos, atos do governo e ocorrências locais (Silva; Silva, 2018).

Em janeiro de 1929 (edição 29), a professora Edésia publicou o artigo intitulado “O ensino de história do Brasil”. No material, ela relatou sua experiência no magistério, as dificuldades enfrentadas para lecionar o conteúdo de história: “[...] vi-me impossibilitada de prender a atenção dos alunos, durante as lições, e de fazê-los corresponder à minha expectativa de grande aproveitamento [...]” (Rabello, 1929a, p. 16).

Para ela, nos grupos escolares, o ensino de história apresentou algumas deficiências, o que colaborou para o desinteresse das crianças em estudar o passado. Alicerçada na Psicologia Infantil, a professora Edésia discorreu sobre a visão da criança acerca da temporalidade. “Para ella não há ligação nenhuma entre o dia de

¹⁰ Esse professor foi marido de Mercedes Mourão, filha de Mariana Corrêa de Oliveira Mourão (tia paterna de Edésia) (Mourão, 1980).

hontem e o de amanhã” (Rabello, 1929a, p. 17). Por isso, tanto a família quanto os professores devem compreender esse aspecto.

É necessário aos professores repensar uma nova didática para o ensino da história, “lançamos mão de meios, que supomos attraentes, para prender-lhes a atenção. Não conseguimos” (Rabello, 1929a, p. 17). Os professores não podem tornar o ensino desagradável e nem podar a criatividade das crianças. Para ilustrar essa afirmação, Edésia fez alusão a figura mitológica de Procusto, conhecido por capturar os viajantes que estavam a caminho de Atenas, ele os colocava em sua cama: se o prisioneiro fosse maior que o móvel, cortava-lhe as pernas; se a pessoa fosse menor, os membros eram esticados até que coubessem no móvel (Vieira, 2009).

No artigo, a professora Edésia teceu críticas ao modelo tradicional de ensino, tipificado pela memorização do conteúdo pela criança, para ser submetida aos exames classificatórios. No ensino de história, isso é perceptível ao evocar as figuras consideradas marcantes, na enumeração de datas e de acontecimentos. Conforme a professora Corrêa Rabello, o professor deve relacionar os fatos históricos com o presente, assim a criança perceberá a relevância desse conteúdo, caso contrário, a aula será um “[...] martyrio intelectual para professores e alumnos” (Rabello, 1929a, p. 17).

Ela também orienta os professores sobre o planejamento pedagógico, ao argumentar que “[...] devemos dosá-lo em quantidade muito criteriosa, muito bem escolhida e muito bem prescripta, de modo que advenham deste estudo vantagens práticas para os alumnos” (Rabello, 1929a, p. 18). Nessa concepção, os professores devem passar às crianças a história futura, já o ensino sobre o passado deve acontecer quando for explicar eventos nacionais.

Rabello (1929a) enfatiza que é impossível ensinar a história de uma maneira racional para a criança, pois conforme a idade, torna-se utópico compreender fatos relacionados à economia e à política. Aos 14 anos, os adolescentes conseguem associar cognitivamente os fatos, sendo assim, podem ser ensinados conteúdos como “[...] emboabas, bandeiras, invasões francezas e hollandezas, inconfidência, independência, regências, império, escravidão e república” (p. 18). Tais conteúdos relacionam-se à tradição utilizada nos manuais de História no Império e na República, conforme assinala Costa (2008).

Por fim, a normalista tece algumas recomendações finais ao professorado:

Do que vimos por nossa fraca observação, pensamos que o estudo de História no curso primário deve limitar-se à explicação das datas nacionaes e a despertar nos alumnos amor ao trabalho, à saúde, à beleza, à disciplina, a confiança em si, solidariedade aos companheiros, o dever de auxiliar os fracos, a hombridade em todos os passos da vida, o restricto cumprimento dos deveres, confiança nos dirigentes, isenção de animo nos julgamentos, amor ao progresso, à humanidade e à paz (Rabello, 1929a, p. 19).

Para Costa (2008), em seu discurso, Edésia aproxima-se da história da nação – concepção predominante no século XIX – quando evidencia as festas nacionais, ela apresenta a visão peculiar do século XX. “Além disso, embora não explicitamente, sugere numa perspectiva também sacra quando propõe como dever do aluno auxiliar os fracos, hombridade, amor à humanidade e à paz” (Costa, 2008, p. 167).

No mês de junho de 1929, a professora Edésia publicou o segundo artigo na Revista do Ensino, com o título “Outra vez o estudo da História”. Para ela, o Brasil deve ser o ponto de partida para o estudo histórico, abordando categorias como:

localização, colonização, habitantes, necessidades do país, questões econômicas e alterações políticas (Rabello, 1929b).

Para Rabello (1929b, p. 12), a história apresenta “[...] um centro de interesse tão vasto e elevado”, por isso não pode ser considerada como uma disciplina inferior às demais nos cursos de formação de normalistas. Segundo a autora, em sua atuação docente, ela deparou-se com diversos comentários deprimentes: somente o português e a aritmética são encarados como campos de conhecimentos indispensáveis no currículo das escolas normais. Para Rabello (1929b), todas essas observações - mesmo que equivocadas - servem como bússola para orientá-la em sua prática docente.

A professora Edésia interpelou o valor da sociedade em conhecer a história, pois essa constitui-se uma condição essencial, assim os estudantes terão conhecimento do porquê uns lutam e vencem e outros são derrotados. A autora ilustra sua narrativa com alguns exemplos: o surgimento de indústrias e sua falência; figuras emblemáticas do campo político, como Tiradentes, Deodoro da Fonseca, Benjamin Constant. No artigo, chama-nos a atenção a visão futurista acerca do feminismo:

[...] futuramente o Brasil não poderá dispensar a orientação da mulher nos negócios políticos. Assim, cumpre-nos educa-la agora sabiamente, para que, no porvir, ella possa colaborar com o homem, tendo golpes de vista que atinjam o ponto certo das questões sociaes do momento (Rabello, 1929b, p. 13).

Nessa toada, Costa (2008) destaca: “bem de acordo com seu tempo, a evolução e o progresso são elementos fundamentais na abordagem da professora Edésia Corrêa Rabello” (p. 168). Sem dúvida, o argumento de Rabello (1929b) estava em consonância com a realidade de alguns países: desde 1893, as mulheres já votavam na Nova Zelândia e 1906, na Finlândia. Por fim, Edésia enfatizou a importância da educação para atuar no sentido de igualar as mulheres e homens.

Conforme Rabello (1929b), a história nos ensina a perdoar as injustiças e as iniquidades passadas, nos fornece a esperança de dias melhores, principalmente na conquista de direitos daqueles que os tiveram negligenciados. Em seu discurso fica evidente a presença da religiosidade e uma visão utópica do futuro:

Uma disciplina que nos ensina a trabalhar, para que nossa vida seja bella, que nos acompanha na sucessiva gerações, e no seu desenrolar chronologico, mostra-nos o homem luctando continuamente para que o direito seja um só para toda a humanidade, que nos aconselha a não amaldiçoar os males passados, a procurar sanar os actuaes, e a ver em tudo uma harmonia universal, não é o estudo que deva ser menosprezado, concorrendo tanto o seu conhecimento para a felicidade geral (Rabello, 1929b, p. 13).

A professora Edésia é otimista com o porvir, em sua vida acompanhou o desenrolar de acontecimentos marcantes para a história do Brasil, como a abolição da escravidão, a proclamação da República e as guerras à nível mundial. Ela afirma sobre a importância de as pessoas terem ciência dos processos históricos perpassados pela humanidade, pois:

é provável que muitas desordens, energias desbaratadas inutilmente, provenham do desconhecimento da história. Desconhecendo-a, desconhecemos a evolução social. Julgamos que o tempo passou, mas os indivíduos estacionaram [...] (Rabello, 1929b, p. 14).

Pelos argumentos da professora Edésia, percebemos a relevância do ensino de história para a formação crítica do sujeito. No transcorrer da pesquisa, não foram encontradas outras contribuições de Edésia a esse periódico tão importante para o campo educacional mineiro.

6. A aposentadoria forçada e o legado ao campo educacional

Para a professora Edésia, o magistério é uma missão. “[...] como professora primária, lecionei todos os quatro anos do tirocínio, repetidas vezes, sujeita à execução de vários programas; ora como professora do curso normal” (Rabello, 1929, p. 16). Após vinte e oito anos de serviço e alguns meses, a professora Edésia aposentou-se aos 56 anos, pois o reumatismo a impossibilitou de movimentar as pernas.

Impossibilitada de caminhar há mais de vinte e cinco anos, bendigo a minha persistência e economia, que me permitiram ter uma casa onde, com paciência e resignação, sofro a cruel moléstia que se aponderou de mim. Esta vida é ou não uma luta renhida? (Rabello, 1964, p. 159).

Em um discurso emocionante, ela refletiu sobre a transitoriedade da vida: em um momento, estava atuando em uma sala de aula, em outro, estava sem os movimentos das pernas. Ela é incisiva ao afirmar que o livro não é um diário, uma vez que a escrita iniciou há um ano. Devido à comorbidade imposta pela doença, ela necessitou que alguém transcrevesse o que foi ditado.

Na imobilidade forçada, estirada no leito, com pouco movimento nas mãos, começaram a se desenrolar diante de mim, como num filme, os pequeninos fatos da minha infância e mocidade, em Diamantina. Não podendo escrever, ditei tudo que me acudia ao espírito, sem fantasiar ou exagerar. Muitos poderão pensar que este livro é um diário. Mas enganam-se. Comecei-o há cerca de um ano, levada pela saudade profunda que sinto do teto paterno e de meus irmãos que, todos, me anteciparam na grande viagem... (Rabello, 1964, p. 160).

Em razão de sua influência, na capital mineira, há uma rua em sua homenagem no bairro Mariano de Abreu. No ano 1971, Edésia partiu para a grande viagem, deixando diversas contribuições ao campo educacional, principalmente no que se refere ao ensino de história.

7. Considerações Finais

A professora Edésia Corrêa Rabello pertenceu a uma família influente em Diamantina-MG. Ela formou-se professora na Escola Normal Oficial da sua cidade natal, referência no estado mineiro no Brasil Império. Inicialmente, ela atuou no Grupo Escolar de Diamantina, instituição fundada nos moldes do republicanismo, fruto da reforma educacional empreendida por João Pinheiro.

Em 1913, a professora Edésia atuou na formação de normalistas na Escola Normal Américo Lopes, instituição de iniciativa privada. Após 18 anos lecionando no GED, com a morte da mãe, ela mudou para Belo Horizonte, juntamente com o seu filho de criação Moacir.

Na capital mineira, assumiu a cadeira de história na Escola Normal Modelo, atuando na formação de diversas professoras. Devido a esse novo momento em sua trajetória profissional, ela publicou dois artigos na Revista do Ensino, voltados para a disciplina história e a preocupação na formação de crianças e professores conscientes

da importância desse estudo. Por meio desse impresso, o estado oportunizou a formação continuada dos profissionais da educação, uma vez que ele trazia a discussão de temas relevantes para à prática docente.

Os fatos elencados nesse artigo evidenciam a importância da professora Edésia Corrêa Rabello para a história da educação.

Referências

BADUY, Marina; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. Origens do grupo escolar e a modernização (educacional) no Brasil. **Intercursos**, Ituiutaba, v. 19, n. 1, p. 05-17, 2020. Disponível em:

<https://revista.uemg.br/index.php/intercursosrevistacientifica/article/view/5232/2898>. Acesso em: 02 set. 2021.

BRESSOLI, Dante. **Diamantina**: análise de uma coleção de livros. 2015. 110f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em:

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/10705/1/2015_DanteBresolin.pdf. Acesso em 03 jun. 2024.

BRITTO, Flávia Aparecida; GOMES, Maria Laura Magalhães. História da Educação Matemática na Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1971). **Zetetiké**, Campinas, SP, v. 27, 2019, p. 1-19. Disponível em:

<https://doi.org/10.20396/zet.v27i0.8653725>. Acesso em: 28 jul 2024.

COSTA, Eliézer Raimundo de Souza. **Saber acadêmico e saber escolar**: História do Brasil, da historiografia à sala de aula na primeira metade do século XX. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em:

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC84VH3F/disserta__o_eliezer_raimundo_de_souza_costa.pdf?sequence=1. Acesso em 10 jun. 2016.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Dos pardieiros aos palácios**: forma e cultura escolar em Belo Horizonte (1906/1918). 1 ed. Uberlândia: EDUFU, 2014.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique de (orgs). **O Município e a Educação no Brasil**: Minas Gerais na Primeira República. Campinas – SP: Alínea, 2012, p. 43-72.

MACHADO, Aires da Mata. Prefácio. In: RABELLO, Edésia Corrêa. **La em casa era assim**. 1 ed. Belo Horizonte: Edição Siderosiana, 1964.

MIRANDA, Maria Wanita Mourão de. **Frivolitê**. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Perform formulários, 1999.

MORTATTI, Maria do Rosário. **Métodos de Alfabetização no Brasil**: uma histórica concisa. São Paulo: Editora UNESP, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.7475/9788595463394>. Acesso em: 10 outubro 2024.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. **Estudo genealógico e biográfico das famílias Corrêa, Rabelo e Corrêa Rabelo**. Belo Horizonte: 1980.

PINTO, Helder de Moraes. **Entre a casa e a rua: uma história da mocidade de Diamantina no inal do século XIX**. 2015. 418f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-ACAGFG>. Acesso em: 17 de jul. 2024.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. Campinas: Autores Associados, 2018.

SILVA, Monique Adrielle; SILVA, Amanda Luísa. Educação em tempos de mudanças: a Revista do Ensino e os princípios da Escola Nova em Minas Gerais (1927-1937). **XII Encontro de Pesquisa em Educação Centro-Oeste**, PUC-Goiás, Goiânia: 2014. Disponível em: http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Monique-Adrielle-da-Silva_-Amanda-Lu%C3%ADsa-da-Silva.pdf. Acesso em: 28 jul 2024.

SOARES, Layane Campo; VIEIRA, Flávio César Freitas Vieira. Histórias de instituições educativas, Diamantina-MG: supressão e reabertura da Escola Normal Oficial de Diamantina (1938-1951). **Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação**, SBHE, Cuiabá: 2013.

SOUZA, Rita de Cássia. **Sujeitos e práticas disciplinares: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC858R74/anexo1.pdf?sequence=2>. Acesso em: 01 maio 2017.

SOUZA, Ioneide Piffano Brion de. Francisco Correia Ferreira Rabelo. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RABELO,%20Francisco%20Correia%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 13 set. 2020.

THOMÉ, Luan Manoel. **O exercício da profissão de professor no Grupo Escolar de Diamantina (1907-1909)**. 2017. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFVJM-2_27b53e1ff0921a49fb7e632e0d49ce78. Acesso em: 29 jul 2024.

VIEIRA, Fernanda Maria da Costa. M. Sob o leito de Procusto: judiciário e a criminalização da miséria. **XXVII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología**. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires: 2009. Disponível em: <http://cdsa.academica.org/000-062/330.pdf>. Acesso em: 30 jul 2020.

Fontes consultadas

MINAS GERAES. Lei 439, de 29 de setembro de 1906. **Coleção Leis e decretos do Estado de Minas Geraes**. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, Minas Geraes, 1906a.

MINAS GERAES. Decreto 1947, de 30 de setembro de 1906. **Coleção Leis e decretos do Estado de Minas Geraes**. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, Minas Geraes, 1906b.

MINAS GERAES. Decreto 1960 de 16/12/1906. **Coleção Leis e decretos do Estado de Minas Geraes**. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, Minas Geraes, 1906c.

MINAS GERAES. **Minas Geraes**, Belo Horizonte, anno XV, n. 235, p. 02, 06 outubro 1907.

MINAS GERAES. Edésia Corrêa Rabello. **Minas Geraes**, Belo Horizonte, anno XXXV, n. 62, p. 14, 17 março 1926.

MINAS GERAES. Edésia Corrêa Rabello. **Minas Geraes**, Belo Horizonte, anno XXXV, n. 71, p. 14, 27 março 1926.

MINAS GERAES. Edésia Corrêa Rabello. **Minas Geraes**, Belo Horizonte, anno XXXV, n. 71, p. 15, 30 março 1926.

O MUNICÍPIO. Resultados dos Exames da Escola Normal. **O Município**, Diamantina, anno III, n. 100, p. 02, 23 de jan. 1897.

O MUNICÍPIO. Resultados dos Exames da Escola Normal. **O Município**, Diamantina, anno VI, n. 229, p. 02, 09 de junho 1890.

O NORTE. Instrução Pública. **O Norte**, Diamantina, anno II, n. 59, p. 02, 27 set. 1907.

RABELLO, Edésia Corrêa. O ensino de História do Brasil. **Revista do Ensino**, nº 29, janeiro. Belo Horizonte: 1929a.

RABELLO, Edésia Corrêa. Outra vez o estudo da História. **Revista do Ensino**, nº 34, junho. Belo Horizonte: 1929b.

RABELLO, Edésia Corrêa. **La em casa era assim**. 1 ed. Belo Horizonte: Edição Siderosiana, 1964.